

A AUTONOMIA NA EaD

Claudinei Zagui Pareschi¹

Claudinei José Martini²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a Educação a Distância e as novas possibilidades de interação e aprendizado advindas pelo uso das novas tecnologias na educação, trazendo uma reflexão sobre a EAD no que diz respeito à necessidade da autonomia por parte dos alunos e também uma reflexão sobre o papel do professor frente as variadas atribuições exercidas nos cursos superiores a distância. Foram realizadas leituras de diversos autores que tratam sobre o tema em questão, se caracterizando com um trabalho de caráter de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: EaD. Autonomia. Internet. Educação. Conectivismo.

INTRODUÇÃO

A EaD (Educação a Distância) sofreu diversas transformações desde seu surgimento na origem da humanidade, na ânsia da comunicação com seu semelhante e, conseqüentemente, a busca pelo aprendizado compartilhado entre dois ou mais indivíduos.

Foi por meio da tentativa de escrever seus pensamentos e ações nas paredes das primeiras moradias humanas, e em objetos domésticos: jarros, vasos, entre outros, que se constituíram os primeiros registros de uma tecnologia criada e desenvolvida para publicação e divulgação da informação e do conhecimento humano, posteriormente denominado como escrita e que por meio do progresso de processos advindos pela imprensa se tornou conhecida por correspondência a distância ou por sua vez, ensino por correspondência.

Tal metodologia consolidou-se no mundo ocidental até a Segunda Guerra Mundial. Com o rápido desenvolvimento tecnológico proporcionado por dois grandes conflitos bélicos do século vinte e a conseqüente expansão dos meios de comunicação, o rádio entra em cena com grande potencial comunicativo que, somado a comunicação por correspondência, tornou favorável a divulgação do conhecimento a um amplo número de pessoas que necessitavam de informação, saberes científicos e escolarização, sobretudo em regiões geograficamente remotas.

Ainda no decorrer do século vinte:

¹ Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: claudineizagui@gmail.com.

² Especialista em Ensino de Ciências pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR/Medianeira-PR e Mídias na Educação pela Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ. Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: neimartini@hotmail.com

O acelerado desenvolvimento tecnológico nas décadas posteriores ofereceu um maior impulso a difusão do ensino a distância no Brasil e no mundo, seja com o apoio por meio de legislações e políticas públicas que regulamentaram a EaD ou por pesquisas educacionais específicas voltadas a esta modalidade de ensino mas, o fato é, com a entrada de novas tecnologias como o computador, por meio de sua popularização e acesso a sua aquisição, esta modalidade de ensino foi incorporada a internet inserindo milhares de pessoas à educação, dando acessibilidade a educação *online* (MARTINI, 2017 apud PIVA JUNIOR et al, 2011, p. 1-2).

Assim sendo, no Brasil, o Decreto nº 2.494 da Presidência da República, que regulamenta o artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), destaca em seu primeiro artigo que:

Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (BRASIL, 1998, não paginado).

Diante disso, nos últimos anos a EAD tem sido incentivada no Brasil e no mundo como um meio de inclusão social, ganhando espaço em cursos de formação inicial e continuada, em grande parte, de nível técnico e superior, bem como de pós-graduação nas Instituições Públicas e Particulares de ensino, mostrando-se uma nova escolha de estudos para aqueles que, por motivos particulares, não conseguem frequentar um curso presencial.

Também, a partir dessa realidade, o debate em relação aos benefícios proporcionados para a formação e seus pontos críticos cresce a cada dia mais, sendo necessária uma análise com maior atenção para que possíveis entraves possam ser superados e novos percursos sejam definidos.

Portanto, este trabalho de pesquisa pretende compreender as novas possibilidades de interação e aprendizado advindas pelo uso das novas tecnologias na educação a distância.

Da mesma forma, busca-se trazer uma reflexão sobre a EAD no que diz respeito à necessidade da autonomia por parte dos alunos aliado ao papel do professor frente às variadas atribuições exercidas nos cursos a distância.

A RELAÇÃO ALUNO, PROFESSOR E NOVAS TECNOLOGIAS

Na EAD, como os alunos e professores encontram-se separados geograficamente, a mediação do conhecimento é realizada por interfaces tecnológicas. Os conteúdos são disponibilizados *online* por meio de apostilas, vídeos, livros institucionais e outros métodos de forma sistemática e dinâmica para que o estudante possa acessar o seu curso, por meio do computador, quando e onde quiser.

A comunicação entre alunos e professores, dentro do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), se dá de maneira síncrona, ou seja, pessoas presentes ou remotamente conectadas ao mesmo tempo em um mesmo ambiente em tempo real, como por exemplo *chat*, teleconferência ou

videoconferência e assíncrona, na qual a comunicação é realizada sem necessariamente as pessoas estarem conectadas ao mesmo tempo, como por exemplo: fóruns ou *e-mails*.

Em tempos de tecnologias digitais permeando a educação, o estudante tende a se isolar e a se perder no meio de tantas informações encontradas hoje com facilidade na Internet. Neste contexto, o estudante necessita encontrar sentido nos conteúdos apresentados para a produção de conhecimentos significativos e sua postura deve ser de parceria e interação com professores, tutores e demais estudantes do curso, possibilitando deste modo a aprendizagem por colaboração e co-criação.

O trabalho coletivo e as interações são importantes para que a dimensão técnica não se sobressaia sobre a pedagógica. Quando isso ocorre, o professor automaticamente assume outra função: um simples animador de espectáculos visuais. Diante dessa realidade, surge um dos principais desafios para os professores na EAD: como garantir condições para que os alunos aprendam à distância?

Como grande parte dos alunos que procuram a EAD não possuem hábitos de estudo e nem autodisciplina, o papel do tutor na EAD é de fundamental importância, pois é ele que acompanha, motiva e orienta os alunos em sua prática pedagógica, contribuindo para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem. Nesse caso, o tutor precisa ser flexível, perseverante, persistente e sensível para poder atingir esses alunos em suas dificuldades. O tutor é aquele que dará a orientação necessária ao estudante para que ele possa compreender as propostas das atividades educacionais, formar grupos de estudo e ter acesso ao material de apoio.

A tutoria a distância atua junto aos estudantes geograficamente distantes, esclarecendo dúvidas, participando dos fóruns de discussão, pela internet, telefone, videoconferências entre outros, sempre com a responsabilidade de promover espaços de construção coletiva de conhecimento. Já a tutoria presencial atende os estudantes no polo, em horários marcados, para auxiliar os estudantes em suas atividades individuais e em grupo, incitando o hábito da pesquisa, esclarecendo dúvidas quanto aos conteúdos e quanto às tecnologias.

No entanto, existem críticas relacionadas ao ensino EAD referente a precarização do trabalho docente devido aos inúmeros papéis desempenhados pelo professor, sua baixa remuneração, o não reconhecimento profissional e a fetichização da técnica, colocando em dúvida o futuro do trabalho docente. O modo fetichizado com que os recursos tecnológicos tem sido empregado em algumas instituições educacionais tem levado à precariedade todo o trabalho docente, uma vez que sobrecarrega alguns e dispensa outros, colocando os recursos tecnológicos no lugar dos sujeitos.

Tal realidade se mostra com coerência com a lógica do mercado: quanto mais recursos tecnológicos forem empregados, maior é a dispensa do trabalho humano, ou seja, a cada dia que se passa

se presencia a redução do quadro de docentes atuantes no ensino superior, uma vez que a utilização dos recursos tecnológicos sustenta o aumento do número alunos nessa modalidade.

Devido às precárias condições de trabalho dos tutores, Mattar (2012) faz o seguinte questionamento: Tutor é professor? O autor defende uma posição muito crítica, citando que, na maioria das vezes, pelo fato da EAD se caracterizar de modo conteudista e fordista³, industrial e instrucional, o tutor é desvalorizado, com uma remuneração não condizente com a sua responsabilidade, pois considera-se que sua atuação é passiva, como a de um simples monitor e não a de um professor.

A definição dos contornos do trabalho do professor em EAD depende diretamente do modelo adotado. Modelos mais rígidos acabam limitando de tal maneira o trabalho do professor que ele se transforma em um mero emissor de mensagens motivacionais (com um cronograma já traçado), o que suscita questionar se isso deve ser considerado trabalho docente. Esse tutor-robô não é um professor. De outro lado, modelos mais flexíveis permitem um trabalho docente criativo e construtivo em EAD. (MATTAR, 2012, p. 1).

Ainda que existam documentos que transmitam a percepção do tutor como professor, o exercício da tutoria ainda é encarado por muitos de modo pejorativo, como se fosse um rebaixamento da função docente. Mattar (2012) afirma que o tutor assume diversos papéis: administrativo e organizacional, pedagógico e intelectual, social e tecnológico. Com tantas funções docentes, o tutor encontra inúmeros obstáculos para o cumprimento de tudo aquilo que se espera de sua atuação.

Esse mesmo apontamento é feito por Santos (2010), o qual argumenta que o modelo antigo de EAD não condiz com a realidade de hoje e que existe outro modo de EAD totalmente diferente, mais condizente com a cibercultura, a chamada Educação *Online*, a qual dá mais atenção à interação do que aos conteúdos, exigindo, deste modo, um contato maior entre professores e alunos, maior valorização profissional mais formação e preparação docente e a oferta de salários condizentes com sua função.

A APRENDIZAGEM E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EAD

Deve-se levar em consideração que não há apenas um único modo de se trabalhar com a EAD no Brasil. Os modelos tradicionais, baseados na produtividade e na modelagem de pessoas, remetem ao fordismo na educação. Mill (2010, p. 30) sugere duas definições: “Ensino a Distância” e “Educação a Distância”. Para ele, a primeira definição remete aos modelos tradicionais, cujo foco sempre esteve na emissão de conteúdos e no docente, onde o ensino se encontra no centro do processo, sem dar a devida valorização à aprendizagem, mesmo que de modo involuntário. A segunda definição remete a uma visão

³ O modelo fordista de EAD se caracteriza pela grande importância dada aos conteúdos que são produzidos em larga escala como um produto de mercado em detrimento do trabalho docente que, neste modelo, é fragmentado e desvalorizado.

sóciointeracionista, procurando destacar o processo ensino-aprendizagem, o estudante e a construção compartilhada do conhecimento devido às interações dialógicas entre os alunos que participam do mesmo processo.

Mattar (2012, p. 20) descreve que o Conectivismo⁴ é um modelo de EAD mais adequado, já que apresenta maior flexibilidade do que o modelo fordista. Esse modelo surgiu na era das redes, local onde há grande quantidade de informações à disposição, “sendo então o papel do aprendiz não memorizar ou mesmo entender tudo, mas ter a capacidade de encontrar e aplicar o conhecimento onde e quando necessário”. (MATTAR, 2012, p. 20). Desse modo, a assimilação dos conteúdos é enriquecida pelas interações nas redes, devida as postagens e observações dos comentários em blogs, wikis, twitter e outros recursos disponíveis utilizados pelos alunos e pelos docentes.

Ao contrário das pedagogias anteriores, o professor não é o único responsável pela definição, pela geração ou pela atribuição de conteúdo. Em vez disso, alunos e professores colaboram para criar o conteúdo do estudo e no processo recriam este conteúdo para uso futuro por outros, incluindo os alunos ensinando aos professores e uns aos outros. (MATTAR, 2012, p. 21).

Os autores defendem uma nova proposta de EAD e consideram-na como uma modalidade de educação que propicia o processo de formação humana, levando o aluno à prática da cidadania. Os recursos tecnológicos passam a ser instrumentos incentivadores do aprendizado, tendo como intuito a interação entre os alunos. O ciberespaço se apresenta como o lócus de comunicação, sociabilidade, informação, conhecimento e educação. Nessa realidade EAD, permeada pela utilização das TICs, a palavra “autonomia” se apresenta como uma ordem. O processo de assimilação de conteúdo se constrói por meio do trabalho colaborativo nos ambientes de aprendizagem.

Na EAD, a função do processo educacional é despertar no sujeito a necessidade do estabelecimento de novos modos de contato e expressão com o mundo, não se enquadrando mais como um mero consumidor das produções, e, sim, como autor e produtor.

O CONCEITO DE AUTONOMIA

O conceito de “autonomia” se apresenta como uma palavra de ordem na EAD, caracterizando desse modo à necessidade da independência e da atitude investigativa por parte dos alunos.

De origem grega, o significado da palavra autonomia é “o caráter do que dá si mesmo sua lei, do que obedecer a sua própria lei”. (RUSS, 2003, p. 23). Pelo fato de professor e aluno não estarem fisicamente juntos, os alunos deverão apresentar autonomia em suas ações para a organização,

⁴ Mattar (2012, p. 16) posiciona o conectivismo como o desenvolvimento do construtivismo para o atual cenário do uso da tecnologia na educação, funcionando assim como uma filosofia para uma EAD alternativa ao fordismo.

determinação e concretização de seu processo de aprendizagem, tendo em mãos a disposição das ferramentas tecnológicas disponível no ambiente virtual da instituição a qual estuda.

Buscando mais autores, para Preti (2000) uma pessoa com autonomia na educação é aquela que é capaz de tomar e conduzir para si sua formação mediante seus objetivos e intuítos; na realidade, é o aluno que se torna sujeito e objeto de sua própria formação, decidindo por si só os caminhos a serem tomados.

Ter autonomia significa ser “autoridade”, isto é, ter força para falar em próprio nome, poder professar (daí o sentido de ser “professor”) um credo, um pensamento, ter o que ensinar a outrem, ser possuidor de uma mensagem a ser proferida. Em outras palavras, é ser autor da própria fala e do próprio agir. (PRETI, 2000, p. 132).

De acordo com o autor, a autonomia não nasce pronta com o indivíduo, ou seja, não é uma característica pronta e acabada em um indivíduo; é algo que se vai conquistando com o decorrer do tempo, mediante participação e compromisso ético-profissionais norteados por um objetivo. “A participação, portanto, é elemento “*sine qua non*” para essa dimensão e, conseqüentemente, para a construção da autonomia”. (PRETI, 2000, p. 135).

Ainda que seja individual o processo da autonomia, a autoaprendizagem é tanto uma tarefa pessoal quanto coletiva, onde se aprende também com o outro, de modo eficaz e prazeroso. Deve ficar evidente, portanto, que autonomia não deve ser confundida com autodidatismo, no qual o indivíduo procura “se virar sozinho”, de modo independente e individualista.

Ao elaborar sua tese de doutorado, Riccio (2010) escreve que a autonomia é um processo ao qual o indivíduo assume para si sua própria trajetória de vida, sempre estabelecendo vínculo com o coletivo social, permitindo que outros façam parte de sua história.

Sendo a autonomia individual sempre influenciada pelo meio, a presença da alienação em nível social reverte-se em uma limitação da própria autonomia individual, já que a perspectiva alienada do outro se constitui também em uma influência externa ao sujeito. Dessa forma, a busca da autonomia coletiva é um imperativo para a construção e manutenção da própria autonomia individual. (RICCIO, 2010, p. 256).

Assim como Preti (2000), Giolo (2008, p. 128) também assegura haver diferença entre autonomia e autodidatismo ou autoaprendizagem. De acordo com o autor, somente é possível a construção da autonomia se ela for construída socialmente: “é, na verdade, a expressão de uma relação entre pessoas, uma relação de igualdade e de respeito que mobiliza a dimensão individual e livre de cada um”.

Alonso (2008) entende autonomia como processo de autoformação, de autogestão na vida profissional, como capacidade de constituir espaços de trabalho reflexivos.

A AUTONOMIA NA EAD

Ao relacionar a autonomia com a EAD, Ramos e Medeiros (2009) escrevem que os ambientes virtuais de aprendizagem devem ofertar mecanismos que despertem nos alunos além do desenvolvimento da criatividade, a capacidade de intuir, de investigar, de resolver problemas e de desenvolver o senso crítico.

O processo de ensino aprendizagem, tanto de modo presencial quanto a distância, deveria proporcionar auxílio na formação humana dos alunos, dando bases para a criação de valores fundamentais que lhes permitam melhor direcionarem suas escolhas para a construção de sua autonomia que relaciona com o mundo e com o outro. Ramos e Medeiros (2009) salientam que é comum, pelo fato de não se ter a presença física do professor de modo constante, o aluno buscar o isolamento, não realizando interação com professores e com outros alunos dentro do ambiente virtual; essa realidade compromete a sua aprendizagem. O que se faz necessário é que o aluno de EAD encontre motivação para assim participar das interações por meio do diálogo tanto com o professor tutor quanto com os outros alunos do mesmo curso, criando desse modo um clima cooperativo em busca de se construir o conhecimento.

Os autores apontam que de nada adianta saber usar os computadores e suas ferramentas se o aluno não souber usar de modo crítico ou pedagógico quando se trata de EAD. Apontam também que aqueles que trabalham com EAD e querem de fato aprender devem estar atentos na qualidade do ensino, na mediação pedagógica; não devem focar somente nas tecnologias disponíveis.

Todo processo educativo deve preparar o indivíduo para a autonomia intelectual, na comunicação e na compreensão da realidade.

É com a autonomia, fundada na responsabilidade, que a liberdade vai sendo construída e ocupa os espaços da dependência. É importante educar para a autonomia a fim de que cada um encontre o seu próprio ritmo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, é importante educar para a cooperação, para aprender em grupo, para intercambiar ideias, participar de projetos, realizar pesquisas em conjunto. (KOLLER, 2008, p. 88).

Só há aprendizagem autônoma quando o estudante se coloca como sujeito ativo, o qual realiza sua própria aprendizagem. Melhor explicando, é quando sujeito se mostra capaz de se adaptar a novas situações, se colocando na prontidão para aprender. Tal aprendizagem é um processo contínuo, sem fim, ocorrendo ao longo da vida de um indivíduo, sendo apropriados a adultos com maturidade e motivação necessárias à autoaprendizagem. (BELLONI, 2009).

Analisando a possibilidade da EAD com os recursos apresentados nos dias atuais e com todas as características próprias da sociedade atual, Belloni (2009) afirma que ela somente tem a contribuir para a formação inicial e continuada dos indivíduos autônomos.

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu próprio processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e autorregular este processo. (BELLONI, 2009, p. 39).

De acordo com Santos (2010), a autoaprendizagem é a característica fundamental das práticas tradicionais de EAD, práticas essas que consistem no oferecimento dos materiais com conteúdos e atividades para que o aluno possa realizar as atividades e elaborar sua produção de modo individual, enviando-as ao professor-tutor que se encarrega de dar um retorno daquilo que recebeu. A aprendizagem nesse modo tradicional tem sua construção por mediação do material didático, de modo instrucionista. Na EAD “online”, as interfaces dos AVAS possibilitam a interação e aprendizagem colaborativa. Pode-se considerar que a formação e a autonomia do aluno pode se construir não mais na autoaprendizagem solitária e estática como no sistema anterior, mas, sim, por meio do processo dialógico com os sujeitos envolvidos, que são os professores, tutores e demais alunos. Toda essa interação é possível devido aos processos de comunicação possível pela adoção das TICs.

Silva (2008, p. 17 apud KOLLER, 2008, p. 50) ressalta que o aluno de EAD nesse novo ambiente proporcionado pelas TICs precisa, além de conhecer o manuseio da tecnologia, tomar ações autônomas em seus estudos, indo além da face instrumental das tecnologias, se apresentando aberto aos estímulos dos professores e tutores nessa interação durante os estudos. Para o autor, o indivíduo somente se mostra autônomo quando ele consegue ter um senso-crítico no enfrentamento da realidade. Um curso de formação somente pode ser considerado bom se de fato despertar esse senso-crítico, motivo pelo qual os professores devem estar atentos a isso. Deve ficar claro a todos que na EAD “a construção a autonomia de sujeito depende das interações e mediação no processo de aprendizagem”.

É necessário que o discente tenha um perfil diferenciado daquele do aluno do ensino presencial; necessita desenvolver atitude positiva em relação a distância do professor ou tutor, às atividades propostas, aos materiais e vencer o isolamento determinado pela alteração da dimensão presencial, integrando-se às novas formas de mediação e interação para apreensão dos conteúdos; em resumo, o aluno precisa desenvolver autonomia intelectual. (SILVA apud KOLLER, 2008. p. 52).

CONCLUSÃO

Desta maneira, a autonomia do aluno na EAD vai depender de suas interações e mediações no processo de aprendizagem, ela vai se construindo ao poucos, tendo seu início no momento em que o aluno se decide pelo papel de pesquisador, tomando para si seu processo formativo por meio da interação, do posicionamento crítico, da parceria com o outro na troca de experiências, na construção de valores, além do domínio dos recursos tecnológicos ofertados pela instituição de ensino.

Percebe-se, desta maneira, que o papel do professor é primordial para poder também dar a devolutiva dos avanços de seus alunos perante os conteúdos trabalhados.

REFERÊNCIAS

ABED. **Associação Brasileira de Educação a Distância**. Disponível em: <http://www2.abed.org.br>

ALONSO, K. M. **Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores**: sobre rede e escolas. In Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 104 – Especial, out. de 2008, p. 747-768.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei nº 9.394/96). Brasília: Presidência da República. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/ftp/leis/D2494.doc>. Acesso em: 12 jul. 2017.

GIOLO, J. **A Educação a Distância e a Formação de Professores**. Educação & sociedade, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1211-1234, set.-dez. 2008.

KOLLER, Márcia. H. D. **Analisando possibilidades de construção da autonomia em curso EAD: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=136021 Acesso em: 23 de Nov. 2016.

MARTINI, Claudinei José. EAD na prática: planejamento, métodos e ambientes de educação online. **Resenha**. Revista Educação em Foco/UNISEPE, Amparo, v. 9, n.1, jan. 2017. Disponível em: http://www.unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2017/002_artigo_resenha.pdf Acesso em: 2 ago. 2017.

MATTAR, João. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MILL, Daniel R. S; PIMENTEL, Nara Maria (orgs.). **Educação a distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

NUNES, L. C.; VILARINHO, L. R. G. Avaliação da aprendizagem na formação docente a distância. In SILVA, M.; PESCE, L.; ZUIN, A. **Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.

PIVA JUNIOR, Dilermando; PUPO, Ricardo; GAMEZ, Luciano; OLIVEIRA, Saullo. **EAD na prática: planejamento, métodos e ambientes de educação online**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

PRETI, O. Autonomia do aprendiz na educação a distância. In: PRETI, O. (Org.). **Educação a distância: construindo significados**. Cuiabá: NEAD/IE-UFMT; Brasília, DF: Plano, 2000. p. 125-146. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/52725635/Autonomia-aprendiz>. Acesso em: 15 Nov. 2016.

RAMOS, V. M.; MEDEIROS, L. A Universidade Aberta do Brasil: Desafios da construção do ensino e aprendizagem em ambientes virtuais. In SOUZA, A. M.; FIORENTINI, L. M. R.; RODRIGUES, M. A.

M. **Educação Superior a Distância:** Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR). Brasília: UNB, online, 2009, p. 37-63.

RIBEIRO, Elvia N.; MENDONÇA, Gilda A. de Araújo; MENDONÇA, Alzino F. **A importância dos ambientes virtuais de aprendizagem na busca de novos domínios da EAD.** ABED. 2007. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526am.pdf>. Acesso em: 12 de nov. 2016.

RICCIO, Nícia Cristina Rocha. **Ambientes virtuais de aprendizagem na UFBA:** a autonomia como possibilidade. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14230/1/teseNiciaRiccio2010.pdf>. Acesso em: 20 de Nov. 2016.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia.** São Paulo: Ed. Scipione, 2003.